

2

O homem com os guarda-chuvas

— O que é que vamos fazer? — afligi-me.

O David sentou-se. A parte inferior do seu bico ficou mais saliente enquanto se esforçava ao máximo para não chorar. Pôs uma asa sobre mim.

— Vamos encontrar outro Humano para nós.

— Simplesmente não consigo acreditar que a Senhora Humana nos deixou — choraminguei.

— Bem, mas deixou — disse o David. — Temos de seguir em frente.

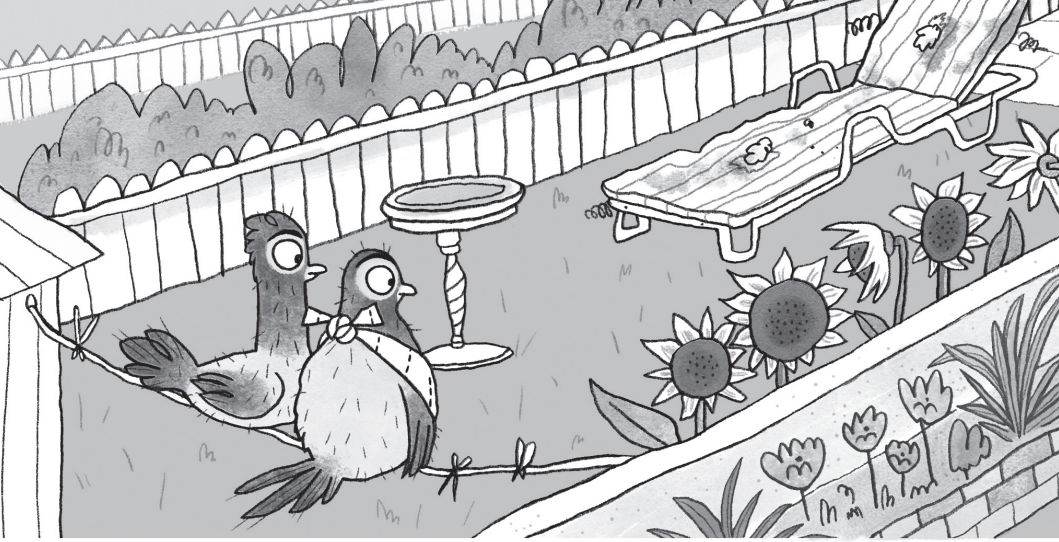
— Mas é que não faz sentido... Ela até nos tinha dado o barracão.

Olhei para o nosso barracão. Como é que eu poderia dizer adeus às nossas prateleiras tortas e às confortáveis e velhas tampas de latas de tinta onde dormíamos?

E, depois, ainda havia a questão da minha máquina de escrever...



— Vamos embora, Capitão! Deixa-te de lamúrias.



Segui o meu melhor amigo até à corda do estendal, de onde espreitámos para a longa correnteza de quintais.

— Achas que devíamos tentar o Senhor do Lado? — perguntei.

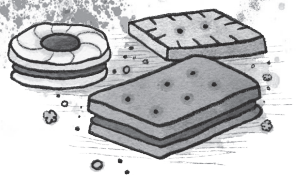
— Não vale a pena. Ele já tem muito que fazer com aquela irritante canária. — O David esticou o pescoço para a frente e olhou para lá das vedações. — Segue-me.

Batemos as asas e fomos em direção ao fundo do quintal. O David abriu caminho através das tábuas soltas da vedação partida e afastou-as enquanto me esgueirava por entre elas.



Tivemos de caminhar, uma vez que a asa do David ainda estava muito danificada para poder voar distâncias maiores. Enquanto o meu amigo avançava, olhei discretamente para o quintal da Senhora Humana e dei um pequeno arrulho, despedindo-me do nosso lindo lar.

O David saltitava pelo caminho atrás dos quintais. A sua cabeça balançava quando ele parava em cada uma das vedações, tentando encontrar uma racha na madeira ou um espaço no arbusto por onde pudesse passar e procurar a possibilidade de um novo lar.



— Demasiados gatos — anunciava ele sempre que via o mais pequeno indício de uma portinha para estes animais.

— Não devem sobrar biscoitos para nós — declarava ele, ao ver baloiços e escorregas para Pequenos Humanos.

— Demasiado aborrecido — exclamava ele, com o bico torcido de desgosto, quando não conseguia ver uma televisão através do vidro de uma varanda.

As minhas pernas já estavam cansadas e as minhas asas doíam-me de tanto me arranhar nos arbustos espinhosos e nas vedações partidas. Já tínhamos passado por pelo menos dezassete casas quando o David finalmente parou e decidiu que estava na hora do almoço. O meu estômago já andava a dar horas, cada vez mais alto e furioso, desde a casa quatro.

— Vamos voltar — sugeri.

— Para onde? — perguntou o David, depenicando uma pilha de folhas secas e castanhas, procurando algo para comer. Ele deixou-se cair. As patas desapareceram-lhe sob as penas e a cabeça afundou-se-lhe no pescoço. — Ninguém nos quer — lamentou. — Sinto falta de biscoitos.

— Não te preocupes, David. — Olhei para o meu desanimado amigo. — Lembra-te de que houve uma altura anterior à Senhora Humana, e que até nos conseguíamos safar.

— «Safar»? — cuspiu o David. — Quem é que se quer apenas «safar»? — Ele afundou-se ainda mais na sua barriga de penas. — Não quero voltar a andar à cata de migalhas debaixo dos bancos dos jardins e a caçar cestos de piquenique abandonados. Quero viver num barracão com um fornecimento constante de pão...

— Chiu.

— Não me mandes calar — protestou o David, indignado. — Preciso de desanuviar esta choraminguice das minhas penas do peito...

— Chiu!

— Como te atreves a...

— David — gritei —, não ouves isto?

— Não ouço nada por causa do teu «chiu».

— Para de falar e ouve!

Lá longe, levado pelo vento, por cima da vedação, estava o som de um Humano a chamar. Aquela coisa de puxar o ar pelos dentes que todos os Humanos fazem quando tentam que um animal se aproxime. Especialmente quando querem partilhar comida.

— Oláááá, pombinhos fofinhos.

— Ouviste? — disse eu, saltando.

— O que é «fofinhos»? — perguntou o David.

— Somos nós, seu cabeça de gato!

— Oláááa, pombinhos fofinhos. — O chamamento veio novamente, numa voz profunda e áspera. — Venham cá, meus pombinhos fofinhos.

— Ouviste isto? — gritou o David, colocando-se outra vez em pé. — Aquele Humano está a chamar por nós. Por nós, os fofinhos!

Saltámos para o caminho e corremos em direção ao som do pão velho e esmagado que caia no chão, enquanto o chamamento para pombos ia ficando mais alto.

— É esta a casa — disse o David, saltitando.

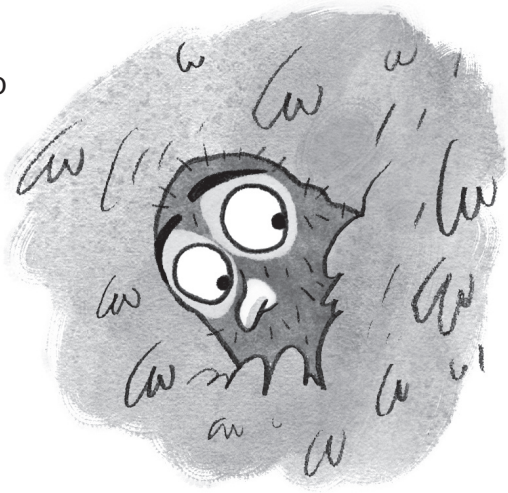
Usou a cabeça para abrir um espaço no arbusto, e então lançou-se para a frente.

— Ajuda-me!

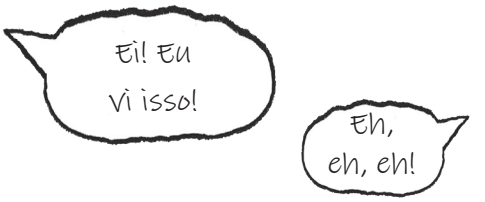
O David estava preso no arbusto.

A sua cabeça tinha atravessado as folhas para o quintal do Humano que nos chamava, mas o

traseiro ainda estava do lado de cá, virado para o caminho. As suas perninhas magrinhas e cor-de-rosa debatiam-se no ar.







Dei uma cabeçada no traseiro do David, saltando com força, e atravessámos os dois o arbusto, entrando no quintal do outro lado. Rebolámos por folhas verdes e galhos, e parámos sobre um recanto de relva alta e de ervas daninhas.

O jardim era denso e descuidado. Nada parecido com o da Senhora Humana. As cabeças brancas de velhos dentes-de-leão incomodavam-me o bico. A relva era longa, amarelada e espinhosa. Ervas daninhas grossas, emaranhadas e cheias de picos, arranhavam-me as pernas enquanto levantava as patas para me desviar do labirinto de cocós de raposa e de frutas caídas e podres. Abandonada à nossa esquerda estava uma máquina de lavar enferrujada, bem como um carrinho de compras amolgado; à nossa direita havia uma pilha fedorenta de sacos de lixo.

— Tenho algumas dúvidas a respeito deste sítio — disse ao David.

Ele olhou em redor.

— Está tudo bem, Capitão.

— Talvez fosse melhor continuarmos à procura de outro Humano...

Caiu mais um mão-cheia de migalhas no relvado.

— Estou com demasiada fome para procurar outra pessoa! — David correu em direção à casa do Humano e ao som das migalhas. O meu estômago voltou a fazer barulhos, ameaçando devorar-me a mim mesmo por dentro, pelo que então corri atrás do meu amigo.

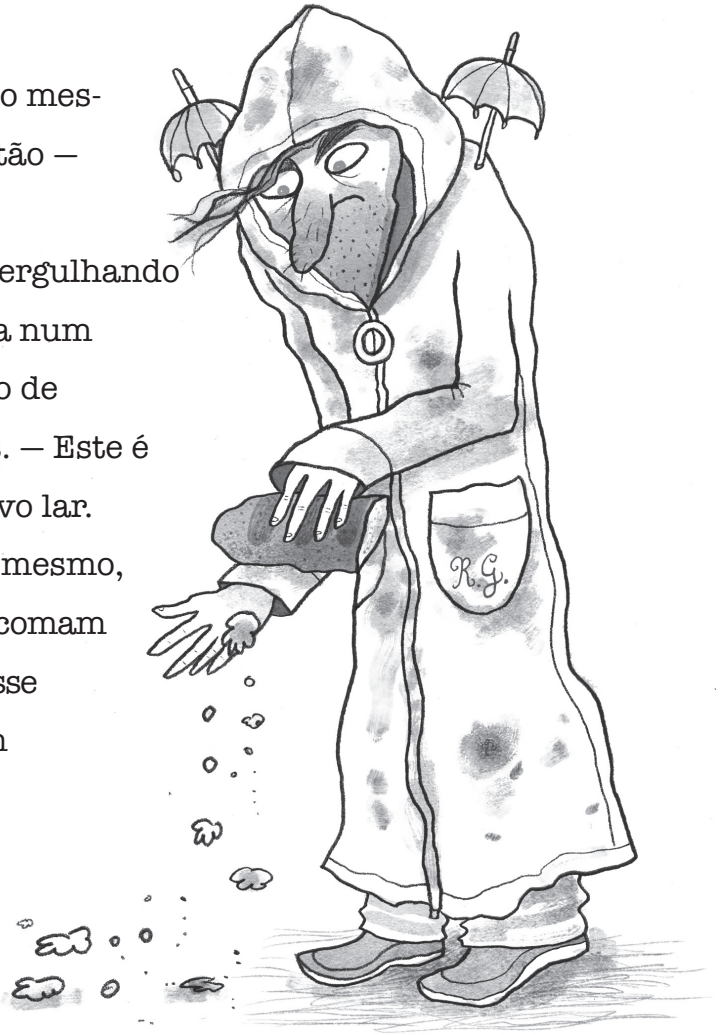
— Venham! Venham, pombinhos fofinhos — repetiu-se o chamamento.

Olhámos para cima e vimos um Humano parado na relva. Era um Homem alto e magro, coberto dos pés à cabeça por uma capa plástica

para a chuva, amarela e suja, que rangia e fazia barulho sempre que ele enfiava a mão num bolso e dele tirava mais pedaços de pão. Mesmo as suas pernas e pés estavam cobertos pelo plástico amarelo. Parecia um saco de compras humano.

— É isto mesmo, Capitão — cantou o David, mergulhando de cabeça num montinho de migalhas. — Este é nosso novo lar.

— Isso mesmo, pombos, comam tudo — disse o Homem Humano.



A sua voz era fria e soava como garras de pombo arranhando um banco de metal no parque. Os seus olhos eram pálidos, quase tão claros quanto o branco dos seus próprios olhos, e uma fina camada de cabelo prateado e áspero espreitava por baixo do seu capuz.

Mas não era só aquela voz gelada e aquele olhar glacial que faziam um arrepio subir-me pelas penas. Sobre cada um dos ombros cobertos de plástico do Homem Humano havia um minúsculo guarda-chuva, feito do mesmo plástico amarelo. Assim que nos avistou, ergueu as mãos até os ombros e abriu um fecho. Os guarda-chuvas abriram-se imediatamente. Durante todo esse tempo, o Homem Humano não piscou os olhos sequer uma vez enquanto nos fitava.

— David... — comecei. — Viste-o abrir aqueles guarda-chuvinhas assim que nos aproximámos?

— Sim. Talvez ele não goste de ficar com os ombros molhados quando chove, não?

Olhei para o céu azul brilhante. As nuvens cinzentas haviam sido sopradas para leste, e não havia nem uma por cima das nossas cabeças.

— A sério... Estou com muitas dúvidas a respeito deste Humano.

O David parou de depenicar.

— Capitão, sei que tens saudades da Senhora Humana, mas ela seguiu em frente. E está na hora de fazermos o mesmo.

— Aqui tens — disse o Homem Humano, atirando uma fatia de pão na minha direção.

O David saltou em direção ao pão, que ficou na relva.

O Homem Humano deu um grito agudo quando o David se aproximou dele. Tropeçou nas ervas entrelaçadas enquanto recuava, afastando-se do David, atirando mais migalhas para o mais longe de si que podia. Cruzou os braços sobre o peito. O queixo tremia-lhe enquanto tentava impedir que o pão lhe caísse dos dedos.

O meu amigo virou-se para mim, incerto.

— Acho que ele não nos quer aqui — disse eu.

— Esperem! — chamou o Homem Humano. — Não há razão para terem medo!

Era difícil dizer se ele tentava tranquilizar-nos a nós ou a si próprio.